

## INTRODUÇÃO

Os doze ensaios que compõem este número inserem-se na secção temática da revista, intitulada “José Saramago: personagens, refigurações, sentidos”. A diversidade de abordagens e o amplo *corpus* de obras analisadas no conjunto destes textos atestam não apenas a complexidade do universo ficcional de Saramago, mas também a vitalidade dos estudos que sobre esse universo se têm debruçado. Diferentes tipos e processos de composição de personagem, recriações e refigurações já indissociáveis da assinatura literária de Saramago e alguns dos temas e debates que lhe são caros são assim aprofundados em artigos dedicados a romances que vão desde *Claraboia* (escrito em 1953, publicado postumamente em 2011) a *Caim* (2009), passando por *Manual de pintura e caligrafia* (1976), *Levantado do chão* (1980), *Memorial do Convento* (1984), *O ano da morte de Ricardo Reis* (1984), *A jangada de pedra* (1986), *História do cerco de Lisboa* (1989), *O evangelho segundo Jesus Cristo* (1991), *Ensaio sobre a cegueira* (1995), *Todos os nomes* (1997) e *Ensaio sobre a lucidez* (2004). É a seguir delineada a matéria tratada por tais estudos, apresentados na secção temática pela ordem alfabética do nome dos autores. Conforme se buscará assinalar aqui, tais trabalhos com frequência estabelecem um profícuo diálogo entre si.

A personagem é o eixo central de várias das reflexões deste volume, a começar pela primeira, “Ele é os trabalhadores de Mafra...: figuração das personagens coletivas em *Memorial do Convento*” (pp. 19-43). Adequando a um contexto diametralmente oposto a expressão que estrutura a extensa lista daqueles que em *Memorial do Convento* tira-

rão proveito financeiro da construção da gigantesca basílica, Agnès Levécot avalia o modo como, no romance, o jogo entre o individual e o coletivo permite revalorizar os verdadeiros heróis da História. Para caracterizar estas personagens, a autora analisa os processos linguísticos, “como a referencialização identificativa de indiferenciação ou de generalização” (p. 21), retórico-argumentativos e retórico-estilísticos, com particular destaque para a enumeração. Tais processos comprovam que, em derradeira instância, sem aqueles heróis, “na ficção como na realidade, nenhum poder e nenhuma riqueza se teria construído e se construiria ainda hoje em dia” (p. 20).

Em “Novas histórias, novas personagens: uma análise da sobrevida d’a mulher do médico em *Ensaio sobre a lucidez*, de José Saramago” (pp. 45-65), Ana Maria Wertheimer parte das considerações de Carlos Reis sobre figuração e refiguração para interpretar os elementos constitutivos da personagem, nesta obra e em *Ensaio sobre a cegueira*, em cujas páginas surge pela primeira vez. A autora convoca ainda o dialogismo bakhtiniano e as concepções de Brian Richardson sobre a personagem tendo em vista a identificação dos “aspectos que se mantenham fiéis à mulher do médico em ambas as obras e interrogar os que se diferem nesse processo de refiguração ou de reconstrução de uma mesma entidade” (p. 45).

Na senda dos estudos sobre esta importante categoria narrativa, em “O interior da pedra em personagens de *Levantado do chão*” (pp. 67-87), Carlos Nogueira lê o romance à luz do conhecido ensaio de José Saramago, “A estátua e a pedra”, e analisa “a (con)figuração ficcional de personagens como Domingos Mau-Tempo, João Mau-Tempo e José Calmedo”, para demonstrar “como no romance publicado em 1980 não faltam momentos de comunicação partilhada entre a estátua e a pedra” (p. 67). Não ficam por abordar as propriedades ético-morais destas e de outras personagens, vistas como “a

irradiação de uma interioridade que José Saramago sabe descortinar e avaliar com rara agudeza” (p. 67).

Adiante-se já que as reflexões de Saramago e a divisão que ele propõe entre o que seria a fase da “estátua” e a fase da “pedra” no conjunto da sua obra motivaram ainda o trabalho de Teresa Cristina Cerdeira, o décimo artigo do volume. Como Nogueira, Cerdeira recupera criticamente a muito citada autoavaliação do romancista, analisando outra narrativa que também escapa àquela categorização que, a seu ver, é demasiado restritiva. Em “*Todos os nomes: uma lição da Nova História*” (pp. 221-245), Cerdeira vai colocar “o romance frente ao ensaio” (p. 221), questionando a cesura do autor e sobretudo a sua “aparente sugestão de uma ideia de progresso” (p. 229). Nesse processo, a autora revisita o debate sobre o chamado “romance histórico” e mostra quanto o importante diálogo entre História e ficção transcende, e muito, aquela que teria sido a primeira fase de Saramago; assim, entende-se que o romance *Todos os nomes* “discute, através da ficção, um conceito de história” (pp. 239-240).

Lembrando as palavras ditas por Saramago a Carlos Reis, sobre a eventual dimensão metafísica dos seus romances, e não esquecendo o assumido comunismo e o confessado ateísmo do autor, Darío Villanueva, em “Saramago, entre utopía y distopía (meta-física)” (pp. 89-115), centra a sua atenção no estudo dos impulsos utópicos e distópicos da obra do Nobel. Para Villanueva, a ideologia e a crença do escritor comportam um impulso utópico mais do que distópico; em sua opinião, um tal impulso insere-se na tendência iniciada pelos romancistas Evgueni Zamiatin e George Orwell, entre outros.

Um dos romances abordados por Villanueva e, já antes, por Wertheimer, é analisado também em « *L'Essai sur la cécité de*

*Saramago* : sur la possibilité d'une intersubjectivité purement acoustique » (pp. 203-220), de Renan Ramos dos Santos. Trata-se, primeiramente, de mostrar que a célebre narrativa da cegueira branca de Saramago é também uma crítica à metáfora da luz, encarnada pelo Iluminismo; nesse sentido, a crítica do escritor português é associada à que foi empreendida por Adorno e Horkheimer na *Dialética do esclarecimento* (p. 209). Num segundo momento, sempre em diálogo com a filosofia, Santos lê a proposta narrativa de Saramago a partir do conceito fenomenológico de intersubjetividade e da “realidade auditiva” vivida pelas personagens de *Ensaio sobre a cegueira* (p. 216), realçando o modo como a relação com o outro é concebida nessa obra de Saramago.

De volta à categoria da personagem, Eduardo Nunes, no artigo intitulado “Pelos caminhos do mundo: (re)figurações da mobilidade em *A jangada de pedra*, de José Saramago” (pp. 117-140), retoma as observações de Carlos Reis sobre os conceitos de figuração e refiguração, situando as personagens do romance “numa extensa linhagem de figuras da mobilidade” (p. 118). As afinidades encontradas com outras personagens, não obstam, contudo, a que estas – e a viagem que protagonizam – adquiram traços distintivos afins do romance de estrada ou *road novel*.

Isabel Garcez, com “H. & M., o casal iniciático num ensaio de romance” (pp. 141-160), revisita a primeira grande narrativa de ficção de José Saramago não só para avaliar a forma como a escrita se traduz em exercício de autoconhecimento, mas também para propor que o “casal-personagem”, ainda que de modo por vezes incipiente, seja considerado o embrião dos “casais de personagens que serão a base de tantos dos seus futuros romances” (p. 141).

A constatação de elementos que antecipam o estilo pelo qual o escritor se tornaria conhecido vai também ser o foco do último estudo

deste volume, “*Claraboia*: matriz ensaística dos personagens de José Saramago” (pp. 273-295), de Wendel Cássio Christal. Como Garcez, Christal parte da categoria fulcral da personagem para estabelecer relações entre aquele romance póstumo e menos conhecido de Saramago e outros que se lhe seguiram e que chegaram a ser publicados em vida do autor, a começar por *Manual de pintura e caligrafia*. O momento de composição do romance é destacado, e entende-se que as personagens de *Claraboia* já demonstram, por exemplo, a visão crítica do escritor “acerca do sistema político e literário vigentes em Portugal, inclusive porque este romance também traz à baila temas tabus para o contexto dos anos 50, como o lesbianismo, a violência doméstica e a prostituição” (p. 280). Ressalta-se já a intertextualidade característica da prosa de Saramago, com *Claraboia* assinalando, entre outras coisas, “o apreço de Saramago por Fernando Pessoa” (p. 288).

Romances posteriores de Saramago não deixarão dúvidas sobre o modo marcante como o Nobel se insere na recepção de Pessoa e de outros autores, mas é certo também que a obra do próprio Saramago já se projetou para além das páginas por ele escritas. O ensaio “Luz, som, e pouca ação: João Botelho e a recriação poética d’*O ano da morte de Ricardo Reis*” (pp. 161-184), de Kathryn Bishop-Sanchez, testemunha a presença de Saramago no imaginário cultural português e o potencial da sua obra para gerar outras criações. Conforme ressalva a autora, o que se propõe nesta abordagem não é uma leitura comparativa entre livro e filme (p. 165), mas uma análise desta outra obra que é a adaptação homónima de Botelho, um realizador que se tem especializado na transposição de narrativas literárias para as telas do cinema. Trata-se, portanto, de examinar o objeto estético que resulta desse exercício, sublinhando-se sobretudo as escolhas próprias do realizador no uso de estratégias e técnicas inerentes ao meio fílmico. Nessa perspetiva, examinam-se, entre outros aspetos,

as personagens femininas de Saramago e o modo como Botelho as recria e filma.

As personagens femininas do universo saramaguiano serão ainda destaque em mais dois ensaios do volume: “Maria Sara como personagem de relevância: a figuração de um novo feminino por José Saramago no romance português” (pp. 185-201), de Maristela Kirst de Lima Girola, e “Nem sagradas nem profanas: a desmitologização do feminino em Saramago” (pp. 247-271), de Valéria Campos.

No primeiro caso, a heroína de *História do cerco de Lisboa* está no centro de uma reflexão que busca associar a categoria da personagem à do espaço ficcional, de maneira a mostrar que Maria Sara suplanta “o feminino passivo, de caráter acabado e restrito ao âmbito doméstico” (p. 187). Para Girola, Maria Sara pode ser vista, com Raimundo Silva, como paradigma de uma configuração literária que complexifica a personagem e revê o lugar socialmente atribuído a mulheres e homens, estabelecendo-se um diálogo entre a obra de Saramago e outras produções da segunda metade do século XX, como as de Agustina Bessa-Luís e José Cardoso Pires (pp. 186-188).

Repensar estereótipos em relação ao feminino e à sua representação é também o objetivo de Campos, que se volta para o modo como Saramago parodia, ironiza e reinventa personagens femininas bíblicas em *O evangelho segundo Jesus Cristo* e em *Caim*. São assim colocadas em causa sobretudo certas oposições e “caracterizações extremas” da mulher no universo bíblico e em parte da sua receção, um contexto no qual “ora as figuras femininas flertam com o diabólico ou sedutor, como Eva e Maria de Magdala, ora veem-se limitadas a um ideal de pureza e sublimação, como Maria de Nazaré” (p. 251). Como Girola, Campos sublinha a complexidade das personagens femininas recriadas por Saramago, que escapam à sua tradicional e redutora representação. Entende-se, enfim, que

na sua escrita “Saramago esmiúça os mitos que moldam nossa realidade” (p. 252).

Em conclusão: o presente número da *Revista de Estudos Literários* encerra, no que respeita à sua temática central, colaboração suficientemente criteriosa e especializada para se afirmar como um marco relevante, no contexto dos estudos saramaguianos. O que esta última expressão quer sugerir é que este é já um campo de trabalho cuja expressiva diversidade faz da obra do escritor (ou de qualquer outro escritor, em circunstâncias semelhantes) um conjunto dinâmico, criticamente suscetível de diferentes abordagens e, como tal, valorizável em vários tempos e lugares.

O facto de aqui serem contempladas dominantes temáticas e narrativas bem identificadas confirma aquela diversificada dinâmica. De modo mais específico: a personagem constitui, atualmente, não apenas uma das categorias a que os estudos narrativos conferem maior destaque, mas também um elemento estruturante do universo literário de José Saramago; em particular e como o romancista várias vezes sublinhou, a personagem feminina assume, nas suas obras, uma prominenência funcional e semântica que merece reflexão. Isso não esgota, evidentemente, outras possibilidades de leitura adiante também concretizadas, seja autonomamente, seja em articulação com aquela categoria narrativa. As feições metafórica, alegórica e mesmo ensaística (que são veios de representação cuja pertinência é confirmada pela reflexão metaliterária de Saramago) de uma parte importante da produção do autor de *Todos os nomes* ocupam igualmente a atenção de colaboradores deste número da *Revista de Estudos Literários*.

Por fim, cabe dizer que a vastidão da produção saramaguiana deve ser considerada, só por si, um desafio a que os ensaístas aqui presentes não se eximem; as suas análises incidem sobre títulos provindos de vários momentos daquela produção, desenvolvida em registos que

atestam significativas mudanças nos processos literários e nas opções temáticas do autor. As possibilidades de trabalho crítico que deste modo se evidenciam confirmam o que se sabe: que a obra de José Saramago interpela de forma muito vigorosa a nossa atenção de estudiosos, agora e certamente no futuro.

*Carlos Reis*

<https://orcid.org/0000-0001-6492-3486>

*Ana Paula Arnaut*

<https://orcid.org/0000-0001-9853-5940>

*Sara Grünhagen*

<https://orcid.org/0000-0002-9025-2687>